

TORQUATO NETO (1944-1972)

PESSOAL INTRANSFERÍVEL

Escute, meu chapa: um poeta não se faz com versos. É o risco, é estar sempre a perigo sem medo, é inventar o perigo e estar sempre recriando dificuldades pelo menos maiores, é destruir a linguagem e explodir com ela. Nada no bolso e nas mãos. Sabendo: perigoso, divino, maravilhoso.

Poetar é simples, como dois e dois são quatro sei que a vida vale a pena etc. Difícil é não correr com os versos debaixo do braço. Difícil é não cortar o cabelo quando a barra pesa. Difícil, pra quem não é poeta, é não trair a sua poesia, que, pensando bem, não é nada, se você está sempre pronto a temer tudo; menos o ridículo de declamar versinhos sorridentes. E sair por aí, ainda por cima sorridente mestre de cerimônias, “herdeiro” da poesia dos que levaram a coisa até o fim e continuam levando, graças a Deus.

E fique sabendo: quem não se arrisca não pode berrar. Citação: leve um homem e um boi ao matadouro. O que berrar mais na hora do perigo é o homem, nem que seja o boi. Adeusão.

TORQUATO NETO

COLAGEM

Quando eu a recito ou quando eu a escrevo, uma palavra – um mundo poluído – explode comigo e logo os estilhaços desse corpo arreventado, retalhado em lascas de corte e fogo e morte (como napalm) espalham imprevisíveis significados ao redor de mim: informação. Informação: há palavras que estão nos dicionários e outras que não estão e outras que eu posso inventar, inverter. Todas juntas e à minha disposição, aparentemente limpas, estão imundas e transformaram-se, tanto tempo, num amontoado de ciladas.

Uma palavra é mais do que uma palavra, além de uma cilada. Elas estão no mundo e portanto explodem, bombardeadas. Agora não se fala nada e tudo é transparente em cada forma; qualquer palavra é um gesto e em sua orla os pássaros de sempre cantam nos hospícios. No princípio era o *Verbo* e o apocalipse, aqui, será apenas uma espécie de caos no interior tenebroso da semântica. Salve-se quem puder.

As palavras inutilizadas são armas mortas e a linguagem de ontem impõe a ordem de hoje. A imagem de um cogumelo atômico informa por inteiro seu próprio significado, suas ruínas, as palavras arreventadas, os becos, as ciladas. Escrevo, leio, rasgo, toco fogo e vou ao cinema. Informação? Cuidado, amigo. Cuidado contigo, comigo. Imprevisíveis significados. Partir pra outra, partindo sempre. Uma palavra: Deus e o Diabo.

RUBENS RODRIGUES TORRES FILHO

PÉTALAS

Por entre as pétalas de isto, um supremo alguém, que qualquer dia nos diria, elaboradamente em pranto, seu nítido lampejo, tartarugas afogadas, e nisto me oriento, breves acúmulos de faltas, falsas fogueiras espontâneas, giz, cal e jazer inane entrelaçado em lianas funerárias e mundanas, como manda o figurado dos sentidos que eram cinco antes de se multiplicarem pela falta de sentido que era múltipla e sorria por entre os dedos do acaso e os dados que os deduziam, números inumeráveis, sonoras plantas e plenas de vegetal intensidade, graves lirismos registram seu oco ocular, cavado por cavernas de sentido que por recato encaravam – segredos escancarados ou secretas obviedades – em mansas concavidades onde espertos se aninhavam, pseudoanimais semióticos que em cisma sinalizavam.

UMA PROSA É UMA PROSA É UMA

Lavro a data. 16 de setembro. 1978. Sábado. Sem outro sinal de pontuação para saber que o tempo passou e está passado como que por mim. O interesse de colocar esses pontos, pingos, o interesse de deixar registro rodriques o de estar aqui simplesmente e voltando pelo mesmo caminho a escrita inventa a escritura e nos pousa nas linhas que vão seguindo a pista para dentro – de fora para denso – de dentro para fera. O que então. Talvez o sempre, nem sempre e nós: anoto aqui e nada nos preocupa sem termos jeito de escapar ou encapar o acaso emaranhado. Se digo mais, não digo nada, pois basta não saber e entender, ler e deixar valer como isto, que não nos abandona sempre, apenas quando. Meu coração é o caminho que ele mesmo abotoou – olhando em frente, em torno, feito um celeste girassol e à noite giralua. Após os pingos nos iis, a possibilidade de se aprender o rumo pelo qual – após o resto e isto – unilateralmente, como sempre. Vale por um pouco – pouso para irmos e a vontade (essa!) não quer o que sabe. Caminhar atônitos pela temporada que dura e durar pelo ágil e o apreendido num átimo. Foi (terá sido) por uma necessidade ou outra que os giratórios ondularam sem mesmo o que foi mesmo e tudo se deixa disparar. Este é o fim. E o começo com isso?